

Terres d'exil, terres d'accueil: Identités / Terras de exílio, terras de acolhida: identidades

Paris, L'Harmattan 2015, 279 p.

ALEŠ VRBATA [alesvrбата@hotmail.com]

Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil

DOI: 10.5817/ERB2017-2-18

Este volume é o resultado de um dos colóquios internacionais regulares organizados na UEFS (Universidade estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil) em colaboração com algumas instituições acadêmicas estrangeiras (França, África francófona, Canadá). Fruto da colaboração internacional, este volume faz também parte da política editorial da editora francesa L'Harmattan e da coleção *Littératures et cultures agro-américaines* (dirigida por Marie-Rose Abomo-Maurin, França-Camarões, Humberto Luiz Lima de Oliveira, Brasil, e Maurice Amuri Mpala-Lutebele, Rep. dem. Congo) cujo objetivo é oferecer “un cadre approprié à la visibilité des études, des créations [...], des oeuvres de l'esprit du monde afro-américain”.

Mesmo que o título deste volume é bilíngue (francês, português) o conteúdo é trilingue. A nota introdutória ao leitor está em inglês e francês e não em português e mesmo que maioria das contribuições esteja em português (1ª parte) e francês (2ª e 3ª parte), há também duas contribuições em inglês (Ales Vrbata, Sudha Swarnakar). O volume é introduzido por “Avis au lecteur” / “Note to the reader” (p. 5–8) seguido por “Introduction générale” (p. 9–16) com conteúdos concisos de cada um dos artigos.

A primeira parte do volume (Le Nouveau monde: terres d'exil, terres d'accueil: quelles identités possibles?) é focada nas questões já indicadas no próprio título do livro: questões associadas com noções como é a migração, a emigração, a imigração, a expatriação, o exílio, a identidade num contexto brasileiro, com a história e a literatura do Brasil. Claro, noções como identidade, subjetividade, exílio, imigração não podem ser objeto de estudo

de única disciplina. Como nos diz o brasilianista Richard Morse: “In the twentieth century the term ‘identity’ has been heavily worked to denote linkage between culture and society. Although the word keeps losing its edge, new generations periodically resharpen it. The term is so loose that one can apply it anything from mankind at large to a single person seeking self-knowledge via psychotherapy. Artists, poets, historians, anthropologists, philosophers and politicians entertain versions of identity [...]” Por isso mesmo, os artigos, neste volume, contêm amálgama de várias abordagens: literárias, psicológicas, políticas e históricas em particular. Isso são tópicos sistematicamente estudados por Humberto Luiz Lima de Oliveira (Feira de Santana, Brasil) já no primeiro capítulo escrito em francês entitulado “Terres d'exil, terres d'accueil: reconfigurations identitaires” (p. 19–32), onde ele trata a problemática da “souffrance ethico-politique” na perspectiva da literatura comparada, i.e. romances *La Mauvaise trépassée* de Zakaria Lingane, *Chéries d'Haïti* de Claire Varin a *L'Esthétique, le sucre de canne et le sucre d'érable* de Patrick Imbert. As personagens principais destes romances constituem figuras emblemáticas do exílio, da imigração, fugindo da pobreza para encontrarem o lugar de acolhimento no Canadá. As autoras do segundo capítulo, *As diásporas construindo e redesenhando as Américas* (p. 33–49), são Ana Lúcia Andrade Costa e Celeste Maria Pacheco de Andrade. As autoras tratam não só do tema exílio, mas também da polaridade entre o Norte e o Sul através da comparação entre a *Seara Vermelha* (1946) de Jorge Amado e *Grapes of Wrath* (pt. *As Vinhas da Ira*, 1939) de John Steinbeck. Elas destacam não só o aspecto individual da migração,



mas também o aspecto coletivo, massivo, cultural ou como aspecto de *Zeitgeist* (“tempos de mudança”) presente em todos os romances. Como ambas autoras salientam, os dois escritores testemunhavam as mudanças significativas e profundas que descreviam: “Embora vivendo em hemisférios opostos, existem várias semelhanças entre as trajetórias de vida que os aproximam. Ambos conviveram com segmentos sociais que iriam influenciar a narrativa literária de cada um [...]. Jorge Amado e John Steinbeck registraram em suas narrativas a marginalização, a exploração, a pobreza, a subalternidade e a ausência dos direitos humanos e o descaso do poder público com as camadas de menor poder aquisitivo” (p. 36). Apoiando-se nos estudos culturais e sociológicos (Hall, Said, Carleial, Gnisci) as autoras abordam os dois romances na perspectiva dominador-dominado segundo a qual “os dominados tendem sempre mais a mover-se, a deslocar-se. Chegam assim a constituir a voz do próprio tempo” (p. 38). O terceiro capítulo intitulado “Identidade, Errância e Culpa na Escrita de testemunho: De Terre et de Larmes de A. A. Scheinowitz” (p. 51–60) é da autoria de Évila de Oliveira Reis Santana (Salvador, Brasil) e mostra como a personagem-narrador, que se define como a porta voz de todos que sofrem da intolerância ou violência, entrelaça na maneira autobiográfica as lembranças desconfortáveis do passado com os eventos contemporâneos naqueles que viveram atrocidades da Segunda guerra mundial. O quarto capítulo da autoria da Bárbara Cecília dos Santos Neves (Alagoinhas, Brasil) tem título “Do Sertão a Capital: Representações da personagem volta-seca em Capitães da Areia” (p. 61–70). Neste capítulo as autoras observam a vida da personagem principal do romance de Jorge Amado, *Volta Seca*, como vida da pessoa exilada já na infância tentando vingar a morte e o assassinato da mãe dele. Da autoria de Jônata Ribeiro de Oliveira e Alcione Correa Alves (Teresina, Brasil) é o quinto capítulo “Identidade, ressignificação e resistência” (p. 71–81) que faz a releitura do romance *Eu, Tituba, Feiticeira ... Negra de Salem* da escritora guadalupense Maryse Condé através dos conceitos e noções interdisciplinares. O sexto capítulo constitui artigo por Aleš Vrbata (Feira de Santana, Brasil)

“Latinité as Catholic Brasilidade” (p. 83–96) introduz o conceito da *Latinité* como o fenômeno da importação francesa para o Brasil principalmente a partir da direita francesa cuja influência, a partir dos fins do século XIX, colaborava com o esforço brasileiro de re-catolicizar o Brasil e volta-lo para o seu passado luso-católico. Nesse aspecto o autor segue de perto influências de Joseph de Maistre, Charles Maurras ou Jacques Maritain e a recepção das obras deles em Jackson de Figueiredo, Centro Dom Vital e no meio católico conservador brasileiro inclusive escritores católicos brasileiros até a o golpe do estado em 1964. O sétimo capítulo por Sudha Swarnakar (Campina Grande, Brasil), “American Folk Poetry and the Asian (Chinese) Immigrant” (p. 97–112) é focalizado ao fenômeno da imigração asiática e nomeadamente chinesa nos Estados Unidos, na Califórnia em particular. Frequentemente omitida e esquecida essa problemática tem raízes bem profundas: “By 1870 there were sixty-three Thousand Chinese-born in the United States, the majority of them in California. For over a century, Asians have been at the center of the legal debate in the areas of immigration and naturalization. As early as 1870, the United States Congress refused to acknowledge their rights and Asians were officially prevented from becoming United States citizens” (p. 97). A situação não foi diferente no Brasil onde os imigrantes europeus (alemães em particular) ganharam posições de destaque tanto na política quanto na literatura, mas “immigrants from other countries were almost obliterated not only from public imagination, but also from literature” (nota 1, p. 98). No ensaio, a autora busca mostrar “how the Asian, specifically, Chinese immigrant is presented in American folk Literature and how this depiction is responsible for constructing distorted images of Asian immigrants in the public mind” (p. 98).

A segunda parte do volume é introduzida por Allain Vuillemin (Paris, França) no artigo intitulado “La France, terre d'exil et d'accueil” (p. 115–125) no qual o autor apresenta a França como um país que “est devenue une terre d'asile le 24 juin 1793 avec l'adoption de la Constitution de l'an I dont l'article 120 que ce Peuple donne asile aux étrangers bannis de leur patrie pour la cause de la liberté” (p. 116) e

que seguiu este princípio muito antes: “sur un plan plus historique, la France a été une terre de refuge dès le Moyen-âge. L’un des tout premiers auteurs étrangers en langue française, en la langue d’oïl, a été un exilé, Brunetto Latini (1220–1294), notaire et philosophe, chancelier de la République de Florence em 1272 [...]” (p.117). Isto é o papel que a França desempenhou e desempenha também hoje e Allain Vuillemin lembra grandes figuras estabelecidas na França como Mircea Eliade, Élie Wiesel, Julia Kristeva, Tzvetan Todorov, Milan Kundera, Jan Čep ou Emil Cioran. Nos tempos de hoje o autor não esquece nem o outro lado deste processo: “[...] pour beaucoup d’immigrés de la première, de la seconde voire de la troisième génération, la France se révèle aussi, et contradictoirement, une terre de marginalisation, d’exclusion et de ghettoïsation” (p. 122). O capítulo seguinte da professora serva Ljiljana Matic (Novi Sad, Sérvia), autora do ensaio “L’Exil volontaire et la création d’une nouvelle identité de Négovan Rajic” (p. 127–137), trata a trajetória do escritor servo Négovan Rajic qui, fugindo do totalitarismo encontrou o exílio no Canadá et lá encontrou a sua vocação de escritor. O autor do décimo capítulo é canadense Christian Mbarga (Fredericton, New Brunswick) e que coloca questão “[...] quels sont les mécanismes utilisés par ces exilés pour se reconstruire une identité viable et forte dans leur nouvel environnement où leur marginalité économique, culturelle, religieuse devient plus évidente et possiblement source d’entraves à leur intégration?” (p. 44). O décimo primeiro capítulo da autoria de Juliana Ribeiro Carvalho (Feira de Santana, Brasil) intitulado “L’Étrange(r) dans le récit Mon Coeur à l’étroit, de Marie Ndiaye” (p. 153–158) analisa o romance a partir da pressuposição que “[...] l’écriture d’un texte peut aussi se révéler en tant qu’une traduction culturelle du monde dans lequel on vit ou de ce qu’on aperçoit de ce monde” (p. 153). A personagem principal do romance, filha de imigrantes estabelecidos na França, decidiu negar e suprimir a origem dela, passado da família e assim ganhar “asas” (futuro) em detrimento das “raízes” (passado). Segundo a autor a situação assim psicologicamente complexa é justamente o que possibilita Marie Ndiaye “de traduire la condition

de plusieurs immigrants et leurs descendants qui vivent sur le territoire français. (...) Ndiaye soulève dans son oeuvre la controverse de l’intraduisibilité de cette situation” (p. 155). Décimo segundo capítulo constitui contribuição da Karine Rouquet-Brutin (Paris, França) intitulada “France, ma souffrance!” (p. 159–167). Inspirada pela exclamação da psicanalista búlgara estabelecida na França, Julia Kristeva, a autora confronta “l’expérience de Julia Kristeva, cette migrante issue d’un pays totalitaire, se forgeant un destin éclatant à la croisée de plusieurs cultures avec celle rapportée par le personnage-narrateur du roman de Souleyman Outtara, *Espoir blues* (2009)” (p. 159). Claro, a visão da Julia Kristeva abre um grande quadro referencial psicanalítico a partir do qual pode-se aproximar ao fenômeno da migração, integração ou alienação como no caso do romance *Espoir blues* cujo autor vem da Costa do Marfim e cujo protagonista não está somente fugindo da África para a França, mas também está “en quête d’un destin”. O artigo fala das duas subjetividades no exílio, da afirmação das duas subjetividades que transcendem o discurso estereotipado quanto das sociedades da origem tanto das sociedades que os acolhem.

A terceira parte do livro é dedicada às contribuições africanas e é introduzida pelo acadêmico marroquense Abdelaziz Amraoui (Safi, Marrocos) e o artigo dele “Fouad Laroui, ou quando le romancier devient historien” (p. 171–193).

O capítulo quatorze constitui artigo da autoria Ayaovi Xolali Moumoni-Agboke (Lomé, Togo) intitulado “Discours et identité: Werewere Liking à la quête d’une nouvelle identité africaine dans *Elle sera de Jasper et de Coraile (Journal d’une Misovire)*” (p. 195–213). Como o próprio autor diz o objetivo do artigo dele é “de faire ressortir le discours et la quête d’une nouvelle identité africaine de Werewere Liking à travers de son ‘chant-roman’” (p. 196) a para chegar a esse objetivo o autor faz a análise “autour de deux points que sont: le discours dans ‘Elle sera de jasper et de corail’ et la quête d’une nouvelle identité africaine” (p. 196). Por isso o autor nos introduz ao discurso filosófico, profético, e bíblico da escritora Werewere Liking que nos leva a uma nova visão da África e a uma nova identidade

de africana e ao que o autor chama “le dépassement de l’afro-pessimisme” (p. 206). O seguinte, o décimo quinto capítulo constitui “Retour de Manivelle de Julien Kilanga ou une exotopie em spirale” (p. 215–230) de Jean-Paul Rucinagiza (Lubumbashi, Rep. dem. do Congo). O autor aborda o romance de Julien Kilanga a partir dos conceitos bakhtianos da exotopia e da alteridade descrevendo o caminho do jovem héroi africano da terra natal dele em procura da riqueza, prosperidade e felicidade. O último capítulo da terceira parte do volume se chama “Cronistas em diálogo: Machado de Assis e Rubem Braga” (p. 231–246) de autoria da Josueleane da Silva Souza que traça paralelas entre os dois grandes cronistas brasileiros Machado de Assis e Rubem Braga.

A conclusão ou o décimo sétimo capítulo se chama “Le chemin de la Maison”, ou la quête du retour chez Jorge Amado, Gisele Pineau et Gaston-Paul Effa” (p. 249–268) da autoria da Marie-Rose Abomo Maurin trata a questão da identidade em três autores: o brasileiro Jorge Amado no romance *Bahia de todos os Santos*, a francesa Gisele Pineau de origem guadalupense no romance *L’Exil selon Julia*, o camaronês Gaston-Paul Effa no romance *Je la voulais lointaine*. Assim, a questão da identidade, do exílio ou da acolhida se faz nos anos 30 (Jorge Amado), nos anos 60 (Gisele Pineau) do século XX e no início do século XXI (Gaston-Paul Effa cujo romance foi publicado pela primeira vez no ano 2012). Em todos os três romances testemunhamos o que eu chamaria de a dialética entre as raízes e as asas, *pull* da alma ancestral e o desejo do futuro melhor e livre, algo que a autora chama “la chemin de la Maison”: “[...]chemin de la maison’ apparaît ainsi évidente dans les trois romans, brésilien, guadeloupéen et franco-camerounais” (p. 250). Como já disse no início dessa resenha, o campo assim criado não é só da literatura, mas também não só do presente, toca as camadas mais profundas da alma e do inconsciente coletivo. Por isso mesmo o “eu” protagonista carrega uma bagagem psicológica mais do que uma subjetividade. Desta perspectiva a pergunta (“Pourquoi ce désir de retrouver le chemin de la Maison se fait-il si inflexible chez ces trois auteurs?”, p. 250) colocada pela autora tem uma questão na-

tural: porque o passado pessoal e o dos antepassados deles os obriga, amarra as asas deles. E outra questão: “Quelles sont les causes qui poussent à fuir la terre d’exil et à rechercher ‘la maison’? Ce retour est-il toujours sans risque?” (p. 250). Essas duas questões são as principais questões deste volume e deste capítulo e se referem ao tema primordial e arquetípico: vida individual (e coletiva) ocorre entre o maternal (“casa” metafórica: segurança, proteção, familiar, conhecido, mas também, na versão mais nociva, aprisionamento, vida atrofiada, dependência) e o paternal (“caminho” metafórico: autonomia, independência, autossuficiência, mas também, na versão mais nociva, terror, opressão, dominação). Heróis que aparecem nesse volume são frequentemente na busca no futuro imaginado e fugindo do passado imaginado. Até que ponto o incentivo vem das condições exteriores e até que ponto vem das condições interiores é sempre difícil de determinar, mas quem atua e vivencia é o sujeito cuja nostalgia (o lado infantil) lhe lembra o maternal e cuja coragem e desejo está pronto a enfrentar o futuro inseguro, e suportar a solidão. Em outras palavras, esse tema é o tema do conflito arquetípico e universal descrito e vivenciado em todos os espaços culturais, civilizatórios, religiosos. Em termos da psicologia junguiana: “Leaving one’s family triggers an archetypal motif: the awesome schism between Heaven and Earth, the primordial parents. That is clearly at work behind the reactions of a child whose parents split up, but it is also constellated when one separates from the collective. Loneliness feels like one has been abandoned. [...] Anyone in the process of becoming independent must detach from his or her origins: mother, family, society [...]. The incompatibility between these two directions generates a conflict that is invariably present in a psychological crisis. This conflict is the price that has to be paid in order to grow up. On the one hand, we long to return to the past; on the other, we are drawn inexorably toward an unknown future” (Sharp 1993: 141). Assim, este volume pode ser visto não só como dedicado à literatura comparada, mas também como testemunha do conflito acima mencionado, manifestado nas várias maneiras no individual e no coletivo contemporâneo porque

mostra de maneira única as várias formas do heroísmo, da autenticidade e da individualidade no mundo cada vez mais padronizado e uniformizado: “You can make a commitment to go your way only if you believe that way to be better for you than other, conventional ways of a moral, social, poli-

tical or religious nature – any of the well-known ‘isms.’ Those who adhere to them do not choose their own way: they develop not themselves but a method and a collective mode of life [...]” (Sharp 1993: 142).

C’est avec plaisir que les tintinophiles découvriront

Referências bibliográficas

Morse, R. (1996). The Multiverse of Latin American Identity, c.1920–1970. In L. Bethell (Ed.), *Ideas and Ideologies in Twentieth Century Latin America* (pp. 3–129). London: Cambridge University Press.

Sharp, D. (1993). *Jungian Psychology Unplugged. My Life As an Elephant*. Toronto: Inner City Books.